

## EDITORIAL

### POR UMA SUSTENTABILIDADE AFETIVA NO COTIDIANO

SONIA REGINA VARGAS MANSANO

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP

Docente do Programa de Pós-Graduação em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.

**[mansano@uel.br](mailto:mansano@uel.br)**

Cientistas do mundo todo estão empenhados na difícil tarefa de mostrar aos governantes, aos empresários e à população em geral que a exploração predatória e crescente dos recursos naturais levará a um colapso do planeta em pouco tempo (Marques, 2015). Áreas de conhecimento como a Biologia, a Sociologia e a Política Internacional colocam em relevo a noção de sustentabilidade como algo que merece a atenção planetária. Também as conferências ambientais realizadas em âmbito nacional e internacional têm cumprido um importante papel crítico, demonstrando os danos gerados pelo crescimento econômico.

Paralelos a essas intervenções científicas e políticas, movimentos sociais ecológicos do mundo todo manifestam sua indignação com os efeitos destrutivos que o capitalismo vem imprimindo desde a Revolução Industrial, sem qualquer tipo de controle ou penalização das grandes corporações poluidoras. Não poderíamos deixar de mencionar a participação das mais diferentes vertentes artísticas que, como grandes experimentadoras e criadoras de sensibilidades, também dão visibilidade ao problema, valendo-se do cinema, do teatro, da literatura, das produções plásticas e da música para anunciar o perigo: “Bico calado... Toma cuidado... Que o homem vem aí... Que o homem vem aí...” (Buarque & Hime, 1976).

Os resultados de tais alertas, frequentes e multifacetados, entretanto, estão ainda muito aquém de ações efetivas para conter o avanço da depredação ambiental. Isso, em grande parte, se deve à sobreposição de interesses econômicos em relação aos demais aspectos da existência, incluindo aí as possibilidades de sua continuidade. O que se nota é nossa impotência histórica para firmar um compromisso político das nações para com o meio ambiente. Isso nos leva a questionar: Como essa cegueira e essa surdez diante da dimensão destrutiva do humano se instalaram e se mantêm? Certamente, não é por falta de descrições, imagens e reportagens acerca dos desastres ecológicos. A consciência desse descaso existe, mas mostra seus limites por não ser suficiente para barrar a continuidade da bruta destruição. Caso não sejam tomadas providências imediatas de redução da poluição, restrição na produção de mercadorias, tratamento adequado do lixo e medidas de proteção à natureza, é a própria vida no planeta que está colocada em perigo.

Se o cuidado com a natureza, condição primordial para manter a existência humana no planeta, ainda é tratado de maneira leviana, o que dizer do cuidado para com as relações afetivas, também elas consideradas aqui como uma questão diretamente vinculada à sustentabilidade? O individualismo, a priorização do acúmulo e do consumo, a ostentação bem como a competitividade nos mais diferentes âmbitos da existência são alguns dos elementos que cooperam para que o cuidado de si e do outros, na perspectiva de uma vida afetiva comum e potente, sejam minimizados.

Tomando esse cenário socioeconômico em análise, o periódico “Sustentabilidade & Organizações”, desde seu primeiro volume, tem assumido a tarefa de compartilhar experiências concretas de pesquisas e intervenções que colocam em relevo o problema do meio ambiente nas mais variadas

perspectivas. Nele, comparecem autores preocupados com os destinos do planeta e, de maneira específica, com os destinos da população. As áreas de conhecimento são convidadas a se expressar nesse âmbito e a ensaiar maneiras para resistir ao “tempo das catástrofes” que, como diz Stengers (2015), se anuncia. A Psicologia Social, como área de conhecimento voltada para compreensão do humano em sua dimensão social, histórica e política, também participa desse debate colocando à disposição da comunidade científica ferramentas conceituais capazes de problematizar o tipo de vida que temos e, principalmente, o tipo de vida que desejamos.

Uma dessas ferramentas é a noção de sustentabilidade afetiva. Ela abarca um leque de problemas que vão deste as questões ambientais até àquelas referentes à subjetividade, abrindo um matiz multifacetado por meio do qual a própria noção de existência pode ser problematizada. Desde as primeiras pesquisas realizadas sobre o conceito de sustentabilidade afetiva, abordando aspectos teóricos, históricos, filosóficos e epistemológicos, o cotidiano das relações sociais ganhou relevância, uma vez que os limites das intervenções técnicas mostraram-se amplos e evidentes. Assim, cabe pensar: Como o cotidiano das relações afetivas participa da problemática ambiental?

Por sustentabilidade afetiva compreendo a capacidade humana para acolher e sustentar afetos díspares, esforçando-se para criar situações favoráveis de encontros afetivos que potencializem a si e ao outro, incluindo aí a natureza. Os afetos, de acordo com Spinoza (1677/ 2017), nascem nos encontros e estes são a condição para gerar variação de potência e práticas coletivas, que o filósofo denomina como noções comuns. Tal ferramenta, portanto, coopera para compreender os inúmeros afetos presentes nos encontros que potencializam (ou despotencializam) a existência em seus aspectos ambientais, afetivos e institucionais. Encontramos respaldo para elaborar esse conceito também na obra *As Três Ecologias*, de Félix Guattari (1997). Alertando para o fato de que a preservação da natureza não pode ser circunscrita apenas no âmbito de especialistas, Guattari mostra que toda uma dimensão subjetiva de vínculo e esmero com a natureza ainda está por ser construída. E isso depende da implicação afetiva e subjetiva com o meio ambiente e com a vida coletiva. Diz Guattari (1997, p. 37): “A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados. Ela põe em causa o conjunto da subjetividade e das formações de poder capitalísticas”. A noção de sustentabilidade afetiva evidências que somente pela construção de noções comuns e de afetos compartilhados poderemos abordar nossa relação com a natureza em suas dimensões ética e política.

Partindo dessa consideração de Guattari, pode-se assinalar que, se fomos capazes de edificar uma ligação tão forte com o consumo no breve tempo que nos separa da Segunda Guerra Mundial, nosso desafio, agora, é outro: cabe desconstruir esse vínculo, observando com um viés crítico o tipo de vida que ele concretizou e que envolvem aspectos altamente destrutivos como a pobreza, a fome, a miséria, mas também as tragédias naturais, o descontrole climático, a poluição e um reservatório de lixo planetário que só faz crescer.

À medida que os valores disseminados pelo sistema socioeconômico capitalista voltados para o individualismo, a competitividade e o acúmulo se afirmaram no cenário mundial, em especial no decorrer do século XX, não podemos simplesmente nos conformar e reproduzir um de seus maiores efeitos subjetivos: o descrédito na potência relacional e inventiva do humano. Sem dúvida, esse descrédito na vida comum é o maior inimigo a ser combatido quando falamos de sustentabilidade.

Tal descrédito não deixa enxergar a presença de práticas afetivas sustentáveis que se espalham no cotidiano e cooperam para a produção de modos de vida mais potentes. Um leitor mais cansado poderia dizer que estas são insignificantes perto dos estragos gerados pelas grandes corporações poluidoras. Sem dúvida, temos aí uma desproporção. Entretanto, cabe destacar que já estão em curso experimentações de modos de vida afetivamente sustentáveis, os quais ganham visibilidade

nas ações micropolíticas do cotidiano. Esses modos de vida sustentáveis, por extensão, qualificam as relações sociais e cooperam para produção de outras estéticas de existências, marcadas pelo contato zeloso com a natureza e pelos encontros sociais que colocam em evidência o compartilhamento afetivo. Onde eles estão? Em cada gesto que tem no “nós” sua razão de ser. Em cada prática que tem no bem comum seu parâmetro de valor, sendo que aqui o valor não tem conotação econômica e sim afetiva.

Difícil? Claro! Quem falou que é fácil manter-se na fronteira que separa, de um lado, o individualismo interesseiro capitalístico que a cada dia nos torna mais afetivamente miseráveis e, de outro, a coletividade polêmica que convoca para o encontro com a diferença e para o debate? Mas, não seria precisamente esse o campo do exercício político? Não seria esse o campo de produção de vida? Qualquer outra concepção de humano, que afirme o essencialismo ou a reprodução identitária, é mera falsificação: a vida só existe onde o difícil se põe, impõe e desafia, colocando a existência em movimento.

Daí nossa aposta com o periódico “Organizações & Sustentabilidade”: acolher e dar visibilidade à diferença, ao confronto e à experimentação de ideias. Estas discrepâncias são aqui bem-vindas e concebidas como oportunidades para ensaiar novos mundos, novas maneiras de viver e novas estéticas de existência. Fica, assim, nosso convite: traga sua experiência e venha enriquecer esse diálogo político.

#### REFERÊNCIAS

Buarque, C. & Hime, F. (1976). *Passaredo*. Álbum Meus Caros Amigos.

Guattari, F. (1997). *As três ecologias*. Campinas: Papirus.

Marques, L. (2015). *Capitalismo e colapso ambiental*. São Paulo: Editora da UNICAMP.

Spinoza, B. (1677/2017). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.

Stengers, I. (2015). *No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify.